

# Nas diferenças, pais guerreiros e filha vitoriosa

Simone Quirgo de Souza\*

Sou Simone Quirgo de Souza, surda profunda de nascença. Quando criança morava em Duque de Caxias-RJ e freqüentava a escola de surdos no Instituto Nossa Senhora de Lourdes, na Gávea - Rio de Janeiro, onde entrei aos 2 e saí aos 11 anos de idade. Depois, estudei em escolas para ouvintes, de 1982 até hoje. Durante minha vida estudantil, senti muita dificuldade na leitura.

Quando nasci, minha mãe teve eclâmpse durante o parto. Imediatamente fui levada para a incubadora e lá fiquei durante quatro dias. Fui para casa com outros familiares e ela ficou no hospital por três meses. Ao voltar para casa, minha mãe observou que eu não percebia os barulhos ao meu redor, como por exemplo, o da enceradeira, e foi em busca de ajuda e acompanhamento médico, tendo início uma enorme luta.

Meus pais tiveram papel fundamental para o meu desenvolvimento, particularmente no campo da comunicação oral que, de modo incansável, minha mãe treinou comigo. No entanto, na escola, na maioria das vezes, colegas e professores e me tratavam como um ser menor. Me sentia completamente à margem. Eu já sabia ler lábios, mas



Simone de Souza: orgulho pela conquista do diploma

muitos dos professores falavam virados para o quadro e eu não entendia.

Aos onze anos ainda cursava a segunda série do Ensino Fundamental. Descontentes com essa realidade, meus pais me colocaram em uma escola regular, onde estudei até a quarta série. Em média eu gastava 2 anos para cada série escolar. Quando estava na 8ª série, durante uma prova uma colega ouvinte pediu-me cola. A professora, que era contrária a minha presença em sala de aula, reprovou-me, usando como motivo minha atitude de permitir a cópia. Meus pais e eu, mais

uma vez, tivemos que lidar outra repetência. Mas não nos esmorecemos e eu fiz mais um ano no mesmo colégio e concluí o Ensino Fundamental.

No Ensino Médio cursei Informática e, após terminar, aos 22 anos, não queria mais estudar, pois sentia-me muito discriminada.

Quando fui trabalhar como digitadora na Secretária de Fazenda e Polícia Civil pelo convênio com a Associação Capixaba de Pessoas Deficientes, ainda não conhecia a Língua de Sinais (Libras). Lá conheci uma colega de trabalho surda, Mirtes Pereira Oliveira, que me apresentou à Libras.



*Aulas com ajuda de intérprete após muita negociação*

Esta nova ferramenta de comunicação descortinou uma nova realidade: o fim da limitação imposta pela impossibilidade de comunicação.

Aos 32 anos, pela insistência dos meus pais, voltei a fazer Faculdade – UNIVILA. Atualmente tenho 36 anos, e moro no Centro de Vila Velha (ES). Concluí o curso de Pedagogia – Educação Especial com Especialização em Educação na UNIVILA. Durante o curso tive, muitas vezes, que batalhar pela minha própria inclusão no dia-a-dia das atividades acadêmicas das quais me sentia completamente excluída. A reitoria e o corpo docente tinham a concepção errônea de que bastava eu me sentar na primeira fila, prestar atenção no professor, fazer a leitura labial, que eu entenderia tudo.

Durante as aulas na faculdade, tive que tolerar os constantes debates, seminários, oficinas, e outras modalidades de comunicação oral, sem entender nada. A solução e salvação foram os livros, verdadeiros professores. Fui uma aluna quase que autodidata.

Após muita negociação com a faculdade, finalmente uma intérprete e uma co-orientadora foram contratadas: a primeira para acompanhar-me na sala de aula e em eventos relativos ao curso, a segunda transformou minha linguagem de surda em linguagem para ouvintes, apenas no último período, durante a monografia que foi muito difícil para mim.

Afirmo e reafirmo categoricamente que um surdo não é “cópia de ouvinte”, mas, apenas surdo. Isso implica dizer, entre outras coisas, que a leitura labial não garante o aprendizado de todo o conteúdo. Ao contrário! Perde-se muito. Por isso a minha intensa luta para ter um intérprete de Libras na sala de aula. Esta é a melhor alternativa disponível atualmente, mas está longe de ser a condição ideal para o surdo, uma vez que ainda assim, ele não tem uma Língua compartilhada com a sala de aula.

Meus pais sempre me apoiaram em todas as dificuldades que eu tive. Por causa da surdez, tive muitos sofrimentos e

muitas dificuldades no aprendizado em escolas de ouvintes. Parceiros sempre presentes na minha luta contra os pré-conceitos, meus pais criaram uma instituição de natureza educativa, que trabalha pela inclusão social do surdo. Mesmo perante os desafios que enfrentamos para criar uma instituição neste molde, não desanimamos e, com o apoio de amigos e profissionais da área, o Instituto Mãos que Falam (IMQF) foi inaugurado no dia 20 de dezembro de 2004 e certificado como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) em 28 de março de 2005. O IMQF tem como missão proporcionar o aprendizado e o uso da Libras para o maior número de pessoas e instituições, dentro do menor tempo possível, contribuindo de modo forte para a inclusão real da pessoa surda. Agora meus planos e projetos se ampliaram significativamente. Estou também me preparando para a seleção ao mestrado na área de Educação.

Termino este breve recorte histórico da minha história de vida e, aproveito para, mais uma vez, agradecer aos meus pais: Rita Quirgo Souza e José Onofre de Souza, que de modo incansável e amoroso, me estimularam sempre. Lembro a todos que quero ser tratada sempre como surda que sou. Isto sim. Sou surda. E com todo o orgulho!

*\*Graduada de Pedagogia e Pós-Graduada em Educação Especial – Surda, relatora da própria história.*